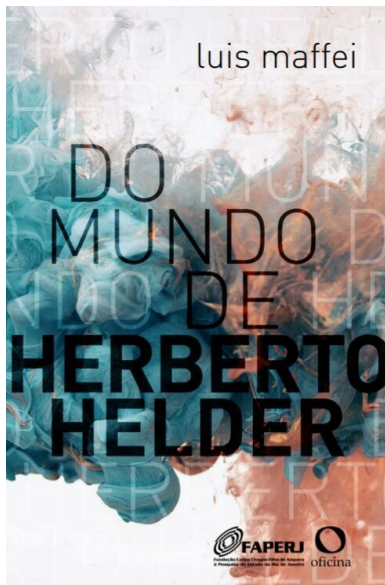


## Estudos Herberto Helder | Publicações recentes & Sugestões de Leitura



Luis MAFFEI (2017), *Do Mundo de Herberto Helder*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel/FAPERJ.

Lançado no Rio de Janeiro a 28.11.2017, este livro pode ser adquirido através do website da editora: <http://loja.oficinaraquel.com.br/>

### Nota de Apresentação por Diana Pimentel

*Do mundo de Herberto Helder* ensina: “A luta é dolorosa desde sempre/ antes de Homero escrever/ cantar que a luta é dolorosa” (Maffei, *Vista de Olímpia*, 2016).

Aceite o ensaio como *género impuro* (Goulart), no limiar do poema, *sem estabelecer dependência de qualquer lei de género* (Silvina Rodrigues Lopes), enquanto académico e ensaísta, Luis Maffei não teme interrogar *a hipótese de haver uma pedagogia da poesia em geral e da herbertiana em particular*, sabendo que *ensinar literatura é já um paradoxo*.

Leitor incendiado por dentro do *fogo* que *a faca não corta*, Maffei coloca-se no centro da ferida-Herberto – *quem será este tipo? quem será este texto?* –, em combate e embate frontal com o poema, puro e duro, em cópula.

Resultado do trabalho de mais de duas décadas de investigação, este livro participa da lição (e é dela réplica, também sísmica) de Camões e de Herberto-leitor-de-Camões, conforme à metamorfose do *amador* por que se transforma *o leitor na coisa lida*.

Em *pathos* e patologia partilhada com raros ensaístas que pertencem à *comunidade aflitiva* que lê *A Poesia Portuguesa Hoje* (Gastão Cruz), Luis Maffei é, dos da sua geração, um dos mais antigos, informados e potentes leitores da actualidade, *sujeito forte* em diálogo revoltado e desobediente com parte do cânone da literatura portuguesa, que se refaz com a sua leitura.

A *concepção eminentemente actual do poema* (Ruy Belo, *Na Senda da Poesia*) herbertiana é, pela leitura de Maffei, expandida a um programa: *o exercício de um poder que atende pelo nome arriscado de liberdade*.

A luta é dolorosa e a *poesia não salva*. E, no entanto, há raros leitores como Maffei (um dos

---

ensaístas vivos que me interessa mais) que criam *uma zona de liberdade transitável*. Este lugar (em que é *livre também ser contaminado*) é lição a ser aceite por quem ler “os livros atrás a arder para toda a eternidade”.

Paris – Rio de Janeiro – Funchal

## ÍNDICE

### 0. Quem será este tipo?

#### Leitura

##### 1. A magia

- 1.1. Palavra perversa, encontros, máxima abrangência
- 1.2. Nós na poesia contra todos: Camões, outros amantes, traduções
- 1.3. Alguns acentos, algumas inflexões
  - 1.3.1. Moderno? Surreal?
  - 1.3.2. Mito, memória, bebedeira
  - 1.3.3. A máquina lírica
- 1.4. Visão respirante, convivência oculta
- 1.5. Fogo e devir

##### 2. A macieira

- 2.1. Do solo ao céu, da morte ao símbolo
- 2.2. Uma erótica com-fusão
  - 2.2.1. Anima, animalidade
  - 2.2.2. Por Dioniso
- 2.3. Enigma e silêncio
- 2.4. Frutos nas bocas, filhos nas mães
- 2.5. A ciência dos nomes-filhos e do sexo

##### 3. A canção

- 3.1. Um emaranhado cantante
- 3.2. Imagens, images
  - 3.2.1. Imagens: fotografia
  - 3.2.2. Imagens: cinema
- 3.3. Orfeu e a nova boa-nova
- 3.4. Soprar e incendiar a música
  - 3.4.1. O amor da música
  - 3.4.2. O sinal

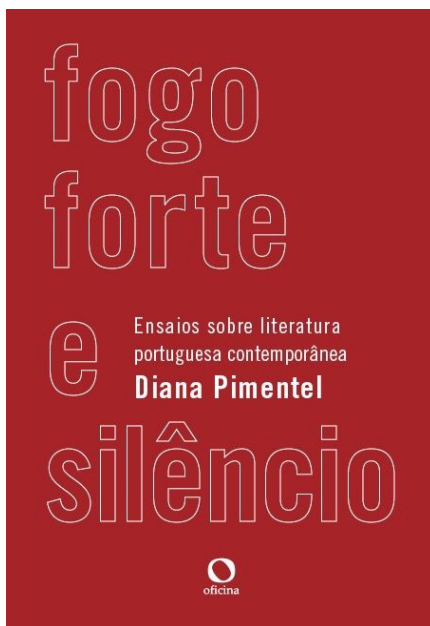
##### 4. O ouro

- 4.1. Uma dança fundadora
- 4.2. Babilônia e um novo Übermensch
  - 4.2.1. O ouro na terra, no erro, no corpo
  - 4.2.2. Mãe alquímica
  - 4.2.3. Nigredo, albedo
- 4.3. Hermética a pedra, filosofal, pedra a pedra
- 4.4. Da questão Cobra à rosa
- 4.5. Rubedo e ourivesaria

## 0.1. Amarração

### Leituras

5. A viagem atônita
6. Entre não e sim, a fome, a maravilha
7. Mesmo um Telefunken pode mostrar Deus, Herberto Helder
8. (77 x 14) + 2009: 38 beleza: herberteuação (v. 4.3)
9. Os gregos antigos não escreviam necrológios
10. Que poder de ensino o destas coisas quando em idioma
11. No mundo de Herberto Helder, a hora de reler junto
12. Servidões e a morte como camoniano gesto ético
13. Herberto *wanted*
14. A errada mão de Príapo ou as quatro obscuridades
  - 14.1 A obscuridade do erro
  - 14.2 A obscuridade da morte
  - 14.3 A obscuridade do amor
  - 14.4 A obscuridade da mão esquerda



**Diana PIMENTEL (2017), *fogo forte e silêncio. Ensaio sobre literatura portuguesa contemporânea*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel.**

Lançado no Rio de Janeiro a 28.11.2017, este livro pode ser adquirido através do website da editora: <http://loja.oficinaraquel.com.br/>

## Nota de Apresentação por Luís Maffei

Diana Pimentel é leitora. Leitora de leituras de alto risco. De fogo forte e silêncio, claro, como escreveu o Herberto Helder que ela tanto ama. E de radiografias muito perigosas. Este livro que o leitor da leitora em risco tem em mão é um contínuo interrogar da poesia num, como escreveu um citado Herberto, "início perene, nunca uma chegada seja ao que for". Importa menos, assim, indicar a importância de Diana no universo do ensaísmo literário português, especialmente em assuntos de poesia, que abrir-se a um universo sem categorias estanques, tampouco distante da

língua própria que cada poeta é capaz de inventar, e que o ensaio, quando ardente, procura balbuciar, por vezes tragicamente.

E Diana Pimentel é leitora generosa. O leitor que pegar este livro passará a dispor de uma chave (ou de perigosa radiografia?) para muita poesia portuguesa contemporânea, do muito Herberto a Ruy Belo, de Adília Lopes a Vasco Graça Moura, de José Tolentino Mendonça a Ana Luísa Amaral, etc. A pujaça do que se escreve em Portugal neste século XX, XXI, acerca-se de nossos olhos, que, com Diana, aprendem a se ajustar para um vivo estado de coisas líricas; afinal, como escreveu Inês Fonseca Santos, “não me lembro de outras/ que não as palavras.

## ÍNDICE

### [ matéria da voz – ‘herberto helder’ ]

lugar para

cinematógrafo

uma letra de outra cor no meio das folhas

caderno

abismo. baptismo

ante-epitáfio

### [ lápis papel e mão ]

figuras pintadas – David Mourão-Ferreira

amnésia – Hélia Correia

nada responde – José Tolentino Mendonça

a memória tropeça – José Agostinho Baptista

pequeno dicionário – Ana Luísa Amaral

fracturas – Adília Lopes

a nossa própria ausência é uma coisa – Inês Fonseca Santos

### [ a luz por detrás de outra mão ]

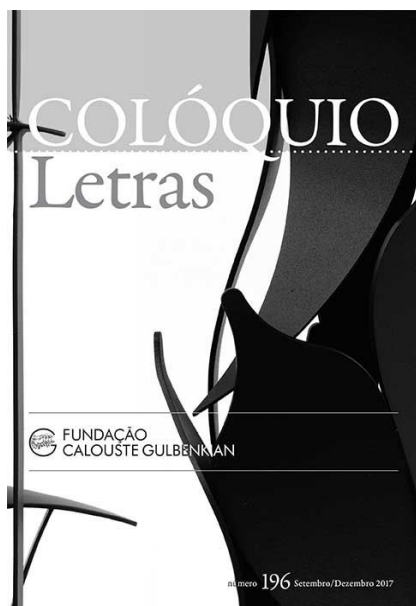
ecrã – António Aragão

fotogramas – ruy belo

o tempo não urge o coração não arde – ruy belo

ecfrase – Vasco Graça Moura

### [ apontamento ]



Nuno JÚDICE, dir. (2017), *COLÓQUIO/Letras*.  
António Ramos Rosa/Herberto Helder, n.º 196  
(set.), Lisboa: FCG

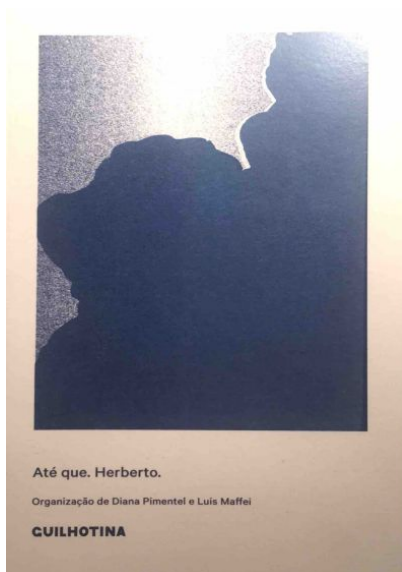
+ info. e índice [aqui](#)

### Texto de apresentação do n.º 196 da *COLÓQUIO/Letras* pela FCG

Dois poetas desaparecidos na última década, que marcaram a renovação da poesia portuguesa, estão em destaque na próxima edição da revista quadrimestral Colóquio-Letras, com imagens das obras de Rui Chafes, disponível a partir de setembro.

Nesta edição, publica-se um conjunto de artigos sobre as obras de António Ramos Rosa e Herberto Helder e revelam-se 17 cartas inéditas deste último para o primeiro, apresentadas por Ana Paula Coutinho. “Se houve poetas que marcaram, logo a partir dos seus primeiros livros, a renovação da poesia portuguesa desde finais dos anos 50, eles foram António Ramos Rosa e Herberto Helder”, sublinha Nuno Júdice no editorial da revista. A força da poesia de António Ramos Rosa (*O Grito Claro*, 1958, e *Viagem através duma Nebulosa*, 1960) e de Herberto Helder (*O Amor em Visita*, 1958, e *A Colher na Boca*, 1961) viria a marcar as décadas seguintes: no caso do primeiro, prosseguindo um trabalho de publicação de poesia e ensaio, e no caso do segundo, de poesia e ficção, com livros que impuseram as suas vozes como dois marcos da literatura do século XX e da contemporaneidade. Talvez menos conhecida seja a relação literária e de amizade que os dois autores mantiveram e da qual as cartas inéditas que a Colóquio-Letras agora publica são um notável testemunho.

**Efemérides da literatura.** Os 150 anos do nascimento de Raul Brandão e o centenário da primeira publicação de *Húmus*, obra-prima do autor, são igualmente assinalados nesta edição da revista. Uma vez que passam também agora 200 anos sobre a execução de Gomes Freire de Andrade, com outros onze liberais — episódio descrito por Brandão em *A Conspiração de 1817* —, publica-se uma carta, escrita a Matilde de Faria Melo, que viria a ser a personagem de *Felizmente Há Luar* (1961), de Luís de Sttau Monteiro — uma das grandes peças do repertório teatral do século XX. No alinhamento da revista de setembro, que reproduz na capa e separadores obras do escultor Rui Chafes, cabem ainda referências a dois escritores desaparecidos este ano: o poeta Armando Silva Carvalho e o romancista e jornalista Baptista-Bastos.



**Diana PIMENTEL e Luis MAFFEI (2016), *Até que. Herberto*, Lisboa/Funchal: Edições Guilhotina/UMa-CIERL**

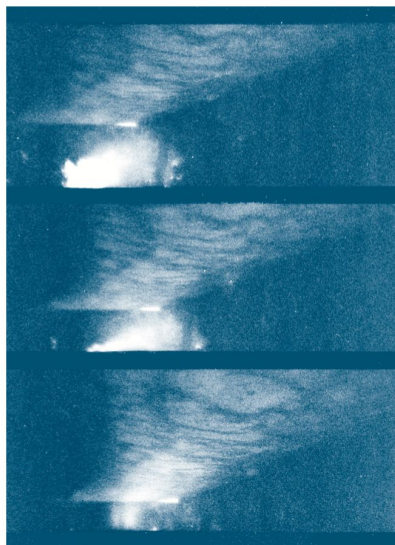
Este livro pode ser adquirido através de solicitação de compra junto do Núcleo de Estudos Herberto Helder do UMa-CIERL, através do email: [estudos.herberto.helder@mail.uma.pt](mailto:estudos.herberto.helder@mail.uma.pt)

### Da contracapa do livro

Quando uns leitores de Herberto se reuniram, em novembro de 2015, em Niterói, para celebrar os 85 anos deste poeta vivo, quer dizer, morto, ou melhor, mortal, que nos interessa sobremaneira, alguma coisa mais se destruiu e se moveu na direcção de um raro apocalipse, rarefeito tempo de uma difícil revelação com justiça própria e sem justos, com pares sem paridade, com um desconforto que lembra o da morte (não sabemos, a morte nunca nos tocou), o do gozo que gozamos quando nossa amante, nosso amante, nos invade o corpo e nos mata, nos vive, nos destrói para que nos façamos de novo. Até que Deus é destruído pelo extremo exercício da beleza. Até que somos extremados pelo destrutivo exercício de Deus. Até que somos destruído pelo impróprio aumentativo, diminutivo, da dor. Até que. Herberto. Quando.

## Índice

quando herberto	9
<i>Ana Cristina Joaquim</i>	
A Boca do Mundo: Herberto Helder e as Matérias Vocabulares	11
<i>Amanda Damasceno</i>	
Ao invés de morte te chamo poesia	23
<i>Daniel Rodrigues</i>	
Toda a obra. Os tempos	33
<i>João Tiago Lima</i>	
Por que motivo Herberto Helder não é um poeta da vida de Eduardo Lourenço?	49
<i>Kigenes Sima</i>	
“O tempo fora dos seus gonços”: a poética multicrônica de Herberto Helder	65
<i>Luis Maffei</i>	
A errada mão de priapo ou as quatro obscuridades	75
<i>Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira</i>	
Servidão consentida: uma leitura da imagem em Herberto Helder	93
<i>Maurício Salles Vasconcelos</i>	
HH / Ofício Cosmográfico	107
<i>Paulo Braz</i>	
Herberto Helder, servir ao desejo cantante	117
<i>Rafael Lovisi Prado</i>	
Conexão Helder-Deleuze-Guattari: Mapas, visões e audições; uma língua...	137
<i>Ricardo Borges</i>	
O poema “Triptico” e múltiplas transformações	157
<i>Roberto Bezerra de Menezes</i>	
Reescrita e versão em Servidões e em A Morte Sem Mestre, de Herberto Helder	165
<i>Sérgio Lima</i>	
A voz humana como húmus: intercessões entre Herberto Helder e Raúl Brandão	175
Nota biográfica dos autores	152



Diana Pimentel  
ca—ir. ao/centro.

**GUILHOTINA**

**Diana PIMENTEL (2016), *ca-ir. ao/centro.*,  
Lisboa/Funchal: Edições Guilhotina/UMa-CIERL**

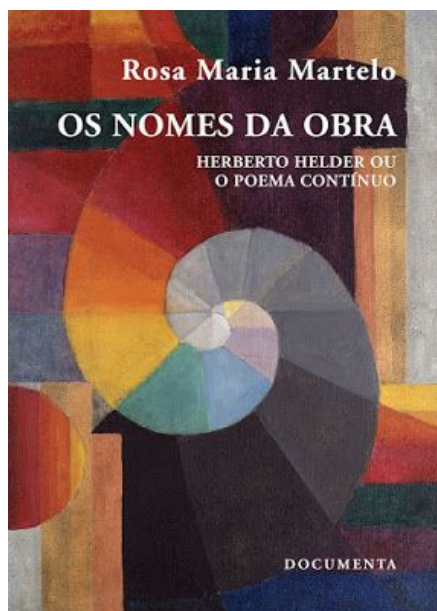
Lançado na Universidade da Madeira (Funchal), a 23.11.2016, no âmbito do **Congresso Internacional Herberto Helder - a vida inteira para fundar um poema**, este livro pode ser adquirido através de solicitação de compra junto do Núcleo de Estudos Herberto Helder do UMa-CIERL, através do email: [estudos.herberto.helder@mail.uma.pt](mailto:estudos.herberto.helder@mail.uma.pt)

---

#### Índice

antes que t/arde	11
lugar para	13
ante-epitáfio	33
uma letra de outra cor no meio das folhas	43
caderno	51
poema/paisagem	57
cinematógrafo	61
apontamento	87





Rosa Maria MARTELO (2016), *Os Nomes da Obra. Herberto Helder ou O Poema Contínuo*, Lisboa: DOCUMENTA.

+ info. [aqui](#)

### Da contracapa do livro

No título *Ou o Poema Contínuo*, que Herberto Helder usou por duas vezes, a conjunção inicial relaciona-se com o nome de autor e diz-nos como ler a escrita de uma vida. Leia-se em *Herberto Helder* o outro nome da obra, o outro nome da «canção ininterrupta». O poeta via na escrita um processo de «nomeação física», de montagem das imagens, a invenção de uma «irrealidade objectiva». Em 2013, recuperou um texto anterior para sopesar o caminho percorrido: «cumprira-se aquilo que eu sempre desejara — uma vida subtil, unida e invisível que o fogo celular das imagens devorava. Era uma vida que absorvera o mundo e o abandonara depois, abandonara a sua realidade fragmentária. Era compacta e limpa. Gramatical».

### ÍNDICE

Os nomes da obra

Autónomo, irreferencial, absoluto

Uma espécie de cinema das palavras

Início perene

Ler de perto

*Nota*

*Bibliofilmografia*



Gastão CRUZ, dir. (2015), *relâmpago. Revista de Poesia. Herberto Helder*, n.ºs 36 e 37 (abr. e nov.), Lisboa: Fundação Luís Miguel Nava

+ info. [aqui](#)

## SUMÁRIO

### HERBERTO HELDER | POESIA

Poemas inéditos [2014]

### HERBERTO HELDER | ENSAIO

Arnaldo SARAIVA, "Argúcias e astúcias da metáfora herbertiana"

Diana PIMENTEL, "lugar para. esculpir o poema"

Luis MAFFEI, "Herberto wanted"

Pedro EIRAS, "Herberto Helder, poeta apocalíptico"

Tatiana FAIA, "O meu poeta morto viaja de Rolls Royce – Autores Antigos & Modernos e a Natureza Arcaica de Herberto Helder"

### HERBERTO HELDER | FAC-SIMILE

Herberto HELDER, "Kodak", Lisboa, 1968, revisto em Maio de 1973

### HERBERTO HELDER | AUTO-ENTREVISTA

Maria Lúcia DAL FARRA, "Um devaneio brasileiro"

### HERBERTO HELDER | CARTAS

Gastão CRUZ – Vinte e cinco cartas inéditas

### HERBERTO HELDER | DEPOIMENTOS

António BARAHONA, "...ou a discussão descontínua"

António FOURNIER, "A ilha de todos os mitos"

Armando Silva CARVALHO, "O Herberto"

Eduardo LOURENÇO, "H.H.: Sob o signo do fogo"

Fernando J.B. MARTINHO, "Lembranças de Herberto, a partir de um antigo poema"

Fernando PINTO DO AMARAL, "A mão do mundo"

Luís QUINTAIS, "Mas depois, por acidente, li da sua impossibilidade em *Photomaton & Vox*"

Manuel ALEGRE, "Herberto: o sopro e o resto"

Nuno JÚDICE "Um poeta da poesia"

### HERBERTO HELDER | BIOBIBLIOGRAFIA

Cronologia – por Ana Raquel FERNANDES

### INÉDITOS | POESIA

Luís Filipe CASTRO MENDES

Manuel GUSMÃO

Ricardo MARQUES

Vasco GATO

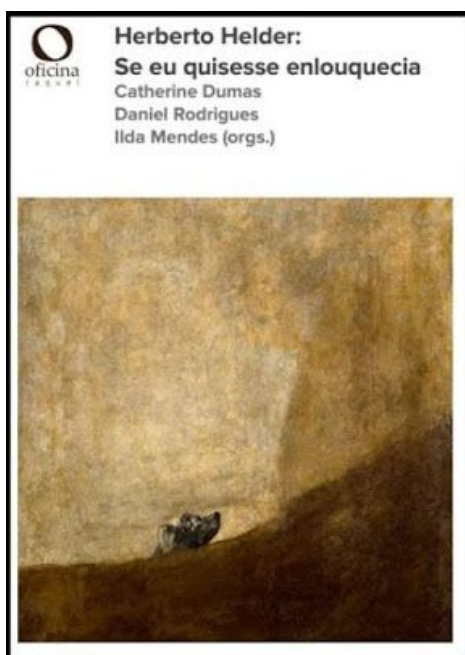
### LIVROS | CRÍTICA

Ana Marques GASTÃO, "O evangelho (vivo) das mãos"

Rita Taborda DUARTE, "«Escavar buracos na linguagem»"

António Carlos CORTEZ, "Um princípio poético"

António Carlos CORTEZ, "Resgate da palavra"



**Catherine DUMAS, Daniel RODRIGUES e Ilda MENDES, orgs. (2015), *Se eu quisesse enlouquecia*, Rio de Janeiro: Oficina Raquel.**

Lançado no Rio de Janeiro a 23.11.2015, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense, no âmbito do **Colóquio Soldado aos laços das constelações: Dia Herberto Helder 2**. Este livro pode ser adquirido através do website da editora: <http://loja.oficinaraquel.com.br/>

### Da contracapa do livro

Juntos é a palavra que abre este livro. Juntos na fascinação da obra. No enlouquecer da leitura. Digamos então que este é um livro de encontros. Encontros de leitores com a obra de Herberto Helder. Alguns destes se encontraram em Paris, na Fundação Calouste Gulbenkian e na Universidade Sorbonne Nouvelle - Paris 3 para partilhar suas leituras, comemorando os 50 anos da primeira publicação de *Os Passos em Volta*.

Deste encontro, muitos dos textos que aqui estão reunidos são o reflexo. Outros se juntaram a

nós. Agora, outros leitores também chegam, “descendo os caminhos da montanha”. Outros virão “do mar”. E ainda outros chegarão “do estrangeiro”, lendo “livros, poemas, profecias, mandamentos, inspirações”. E todos nós que seguimos o chamado deste “Prefácio” de *A colher na boca* temos “os livros atrás a arder para toda a eternidade” e construímos este lugar “de silêncios”. “De paixão”. Há, pois, este desejo de sermos os amigos convocados na dedicatória de *Lugar*. Porém o amor aqui expresso pela obra é também desamor, pois sabemos que a poesia de Herberto Helder é “feita contra todos”.